

O ARQUIVO NA SALA DE AULA

Proposta 2

Autora: Carolina Marotta Capanema, Doutora em História pela UFMG, professora da Universidade do Estado de Minas Gerais

Nível de ensino: Médio

Tema: A invisibilidade das mulheres nas fotografias da Comissão Construtora da Nova Capital (1894-1896)

Disciplina: História

Interdisciplinaridade: Sociologia, Artes

Transversalidade: Relações de gênero, ética, cidadania

Descrição sumária do(s) documento(s): Fotografias do Acervo da Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC) produzidas entre os anos de 1894 e 1896, período de planejamento e construção da cidade de Minas [hoje Belo Horizonte], inaugurada em 1897.

Documento 1

Título: Casa 176

Gênero: Iconográfico / formato: fotografia

Autoria: sem referência

Instituição de guarda: Museu Histórico Abílio Barreto – Fundação Municipal de Cultura

Notação do documento: CCFot1896 013



Documento 2

Título: Altos Funcionários da Comissão

Gênero: Iconográfico / formato: fotografia

Autoria: João Salles (membro do Gabinete Fotográfico da CCNC)

Instituição de guarda: Museu Histórico Abílio Barreto – Fundação Municipal de Cultura

Notação do documento: CCFot1897 007



Documento 3

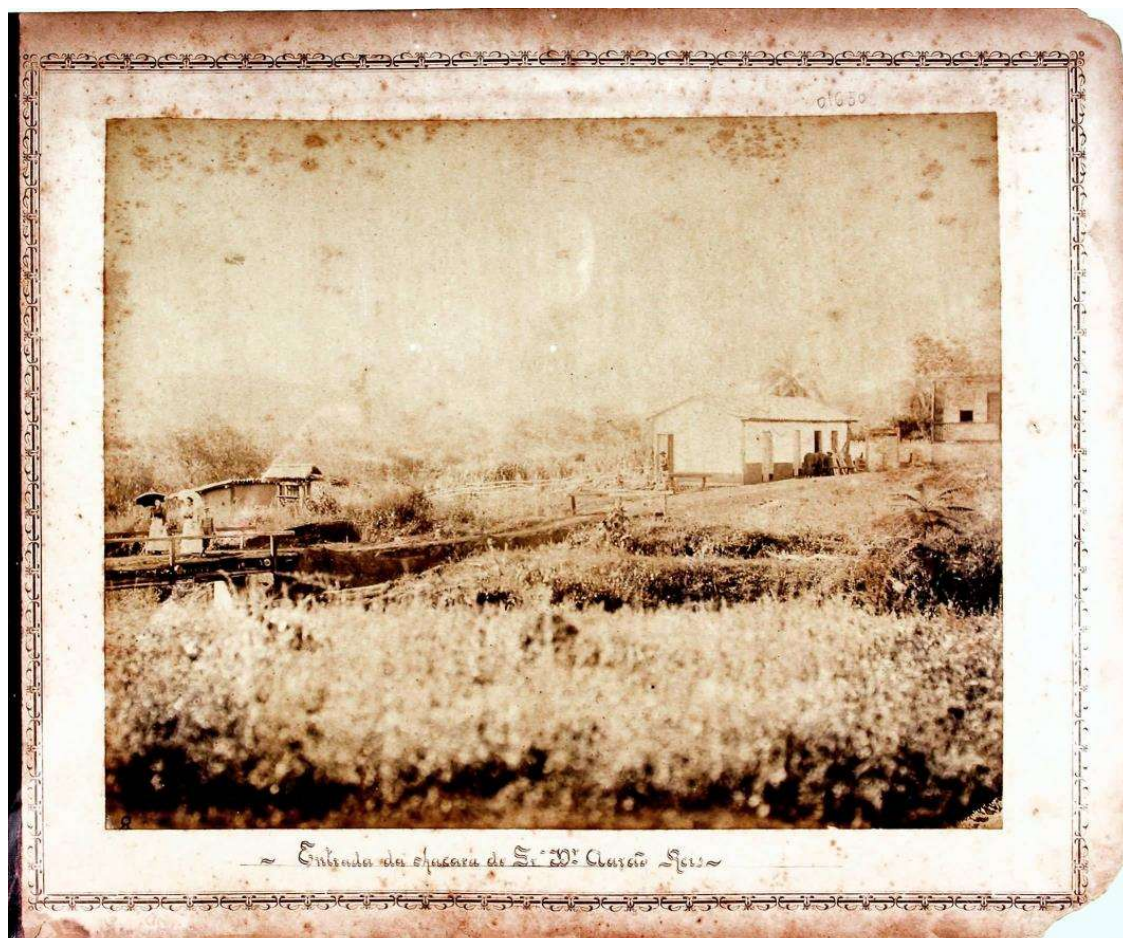
Título: Entrada da Chácara do Sr. Dr. Aarão Reis

Gênero: Iconográfico / formato: fotografia

Autoria: Gabinete Fotográfico da CCNC

Instituição de guarda: Museu Histórico Abílio Barreto – Fundação Municipal de Cultura

Notação do documento: CCALB01 009



Documento 4

Título: Casa Comercial do Sr. Cândido de Araújo

Gênero: Iconográfico / formato: fotografia

Autoria: Atribuída a João Salles

Instituição de guarda: Arquivo Público Mineiro – Secretaria de Estado da Cultura

Notação do documento: SA2 003 005



Documento 5

Título: [Residência de Hermillo Alves]

Gênero: Iconográfico / formato: fotografia

Autoria: Raimundo Alves Pinto (fotógrafo da CCNC)

Instituição de guarda: Arquivo Público Mineiro – Secretaria de Estado da Cultura

Notação do documento: SA2 004 008



Objetivos da atividade:

O principal objetivo da atividade é mobilizar a apreensão da fotografia como “evidência histórica” (BURKE, 2017, p.17), bem como de *representação* do real, e não *reprodução* do real, desarticulando a ideia que predomina no ensino tradicional e em muitos livros didáticos de que as imagens fotográficas estariam mais próximas da “realidade” ou “ilustram” um processo histórico. Nesse sentido, pretende-se contribuir para a formação de um pensamento crítico em relação à produção imagética do passado, trazendo a discussão para o presente, na medida em que se propõe “pensar historicamente” sobre o tema, ou seja, beneficiar-se do raciocínio da ciência histórica para

pensar a vida prática (CERRI, 2011, p.61). No caso desta proposta pedagógica, em específico, as reflexões centram-se em torno da pouca representatividade de figuras femininas nas fotografias produzidas pela Comissão Construtora da Nova Capital, instituição responsável por planejar e conduzir as obras de construção da atual capital do estado de Minas Gerais. As fotografias analisadas foram produzidas entre 1894 e 1896 e esta proposta visa compreendê-las como produtos das relações sociais daquele período, buscando pontuar e refletir sobre as características históricas que determinaram o apagamento ou a pouca representatividade das mulheres naquelas imagens.

Procedimentos/estratégia de ensino:

As disposições que movem esta proposta pedagógica sustentam-se em duas problematizações: a primeira diz respeito ao uso de fontes no ensino de história, especificamente as fotografias, e a segunda refere-se à inserção da discussão sobre a (pouca) representatividade feminina em documentos históricos, conseqüentemente na historiografia e na história ensinada. Neste caso, a reflexão será instrumentalizada pelas fotografias da Comissão Construtora da Nova Capital produzidas nos últimos anos do século XIX.

No que se refere ao primeiro ponto mencionado, alinho-me às perspectivas de Pereira e Seffner (2008, p.119-120), segundo as quais “ensinar história na escola significa permitir aos estudantes abordar a historicidade das suas determinações socioculturais, fundamento de uma compreensão de si mesmos como agentes históricos e das suas identidades como construções do tempo histórico”. Nesse sentido, acredita-se que, ao abordar questões postas pelo olhar do presente sobre o passado por meio da análise de fontes históricas, o ensino de história possa incitar a reflexão sobre os papéis de alunas e alunos na sociedade, bem como torná-los/las capazes de produzir opiniões e propor soluções para os problemas do seu tempo. A análise crítica de documentos históricos pode contribuir, dessa forma, para a formação de sujeitos ativos e reflexivos.

No que se refere ao segundo tópico assinalado, pretende-se “desnaturalizar” o ocultamento ou a marginalização da participação de mulheres nos processos históricos, a partir do entendimento de que as imagens são produtos históricos, determinados por questões postas em seu tempo de realização. No caso das fotografias produzidas no

período de fundação da nova capital mineira, o silenciamento das mulheres nas fotografias que registram aquele processo se deve essencialmente ao cruzamento de dois fatores: 1. Os objetivos que moviam os fotógrafos da Comissão Construtora, que tinham como foco documentar o “progresso” e as obras que dariam origem à cidade; 2. Os espaços sociais ocupados por mulheres naquele período, geralmente restritos ao âmbito doméstico ou de pouca visibilidade pública. Ou seja, os espaços que foram privilegiados nas fotografias, não eram ocupados fundamentalmente por mulheres, o que ocasionou na inexpressividade do gênero feminino nas fotografias.

Michelle Perrot (2005, p.9-12) destaca o notável vínculo entre a carência de traços deixados pelo passado sobre a atuação das mulheres em documentos e memórias e a produção histórica, na configuração do que chama de “oceano de silêncio” sobre a história das mulheres. Por muito tempo, elas foram “esquecidas” pela história como se estivessem “fora dos acontecimentos”, como se não tivessem participado dos processos históricos devido ao exíguo registro de suas atividades, o que também nos remete à marginalização ou desvalorização das atividades femininas.

Assim como os atuais estudos sobre as relações de gênero propõem, esta atividade pedagógica pretende situar o debate sobre a invisibilidade da participação feminina na construção da cidade no âmbito social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações entre os sujeitos. Nos discursos do passado, que em muito sobrevivem no presente, as justificativas para as desigualdades eram buscadas nas diferenças biológicas entre homens e mulheres, como se houvesse uma “essência” genuinamente masculina e feminina que determinasse seus comportamentos. Esta proposta, ao contrário, visa incitar a reflexão sobre essas diferenças como arranjos sociais, como parte de um processo histórico em que as condições de acesso aos recursos da sociedade são definidas pelo próprio jogo social, bem como pelas representações que se fazem de cada grupo (LOURO, 2013, p.26).

Neste trabalho, o conceito de invisibilidade está atrelado a pouca representatividade quantitativa nas fotografias, bem como aos papéis secundários assumidos nas imagens apresentadas. As fotografias que são focos deste estudo pertencem ao banco de dados do acervo da CCNC disponibilizado *on line* pela Prefeitura Municipal

de Belo Horizonte.¹ Para embasar o argumento que enfatiza invisibilidade das mulheres nas fotografias da CCNC foram analisadas todas as imagens fotográficas presentes no acervo, com o intuito de estabelecer uma perspectiva relacional entre os gêneros naquelas representações, e selecionadas apenas algumas.

Nas imagens selecionadas é possível perceber que as mulheres representadas não ocupam lugares de destaque nas atividades de construção da nova capital. Elas estão ausentes no documento 2, em que são apresentados os “altos funcionários da Comissão” e no documento 4, que representa uma casa comercial, sendo representadas como trabalhadoras domésticas (documento 1), damas pertencentes às elites (documento 3) e senhoras em seu âmbito familiar (documento 5).²

Apesar de estudos sobre Minas Gerais no século XIX apontarem que havia um número significativo de mulheres que eram chefes de domicílio ou exerciam ofícios variados, tais como rendadeiras, costureiras, bordadeiras e fiandeiras, pouca ênfase é dada a atuação do gênero feminino nos debates sobre os papéis assumidos por mulheres nos centros urbanos (VEIGA, 2009, p.30). Mas, no mercado produtivo as mulheres geralmente estavam vinculadas a ofícios, como os citados acima, identificados com certas características atribuídas ao “feminino”, como delicadeza, paciência, cuidado (MATOS; BORELLI, 2013, p.127-8). Esta é uma das questões que podem ser trabalhadas nesta proposta pedagógica: é possível delinear características inerentes ao gênero feminino ou masculino?

Para compreender a fotografia como fonte de conhecimento histórico e não como reprodução de uma dada realidade, sugere-se, com base em Bittencourt (p.366-8), o delineamento de uma metodologia específica de análise de cada imagem que tenha como base algumas premissas, a saber: 1. A identificação do/a fotógrafo/a ou empresa/instituição que produziu a foto. Afinal, as fotografias são produzidas por sujeitos que, por trás de uma aparente neutralidade, manipulam diversos aspectos que formam a imagem, tais como: a escolha do espaço, das pessoas e das posturas adotadas por elas, a

¹ <http://www.comissaoconstrutora.pbh.gov.br/>

² Sobre os papéis específicos atribuídos às mulheres há uma vasta bibliografia, citam-se aqui alguns textos introdutórios sobre o tema, que poderão ser utilizados em consonância com a interpretação das imagens: Scott, 2013; Hahner, 2013; Miguel e Rial, 2013; Nepomuceno, 2013.

luminosidade, o destaque a determinados ângulos dos objetos e das pessoas representadas, bem como o próprio ângulo da câmera; 2. A importância do formato das fotos (por exemplo, cartões postais), pois contribui para o entendimento dos objetivos que levaram à sua produção (se foi para atrair turistas, para documentar algo, para vender apenas, etc.); 3. Deve-se perguntar o que está sendo fotografado, para se compreender por que e para que as fotografias foram feitas. Uma foto sempre é produzida com uma determinada intenção.

No caso das fotografias analisadas, sua produção está diretamente vinculada à Comissão Construtora da Nova Capital que desde sua fundação possuía em sua estrutura um Gabinete Fotográfico que tinha como principal missão documentar a construção da capital. De acordo com Bartolomeu (2003, p.38-39), registrar grandes obras de engenharia era tarefa bastante usual no século XIX, quando a fotografia passou a ser um dos principais instrumentos de difusão dos avanços científicos e realizações de vulto das sociedades ocidentais, devido à valorização das tecnologias desenvolvidas no período. No contexto da construção da nova capital, a fotografia teve como principal função produzir representações sociais e simbólicas daquele espaço urbano, dando visibilidade aos ideais de modernidade que norteavam a construção da cidade. Pretendia-se documentar o que se supunha como “avanço”/“progresso”, materializado nas imagens de uma cidade que se queria representar como “moderna” e, portanto, digna de sediar o governo do estado de Minas naquela república irrompida em fins do século XIX. As fotografias foram produzidas, assim, em um momento de afirmação das cidades como *locus* da modernidade e do progresso (BELO HORIZONTE, 2014, p.25)

As fotografias focalizadas nesta proposta pedagógica destacam também as imagens do antigo arraial que foi praticamente destruído para abrigar a nova cidade planejada. Nesse caso, as representações fotográficas documentavam o “atraso” para enfatizar o que estava por vir. São representadas as “precárias” ruas do arraial, as cafuas, bem como as casas comerciais, residências daqueles que tinham se instalado no local para participar da construção da capital e os componentes da Comissão Construtora. Nos primeiros anos da capital já inaugurada, muitas fotografias foram reproduzidas em álbuns

e cartões postais que pretendiam levar para outros recantos a imagem de uma cidade moderna (BARTOLOMEU, 2003, p.38).

Para colocar em prática a presente proposta, deve-se assumir a proposição de uma “situação-problema” (BITTENCOURT, 2011, p.330), ou seja, os/as alunos/as serão responsáveis por estabelecer o “problema” da aula a partir de uma primeira análise das fontes históricas apresentadas. A seguir, expõem-se de forma numerada os passos a serem seguidos:

1. Inicialmente, é necessário que o/a professor/a faça uma explanação introdutória explicando o momento histórico e o local em que as imagens foram produzidas: Cidade de Minas, entre 1894 e 1896, acervo da Comissão Construtora da Nova Capital.
2. Em seguida, as fotografias devem ser apresentadas aos alunos e alunas na ordem exposta acima, de 1 a 5, e, então, algumas perguntas podem ser colocadas, tais como as que se sugere, entre outras: Em que contexto as fotografias foram produzidas? Quem são as personagens representadas?
3. Após os primeiros questionamentos, seguem-se, dependendo do encaminhamento dado pelas respostas dos/as alunos/as, perguntas mais específicas sobre o tema trabalhado: Que papel as personagens das fotos parecem exercer? Há distinção entre os gêneros no que se refere ao papel social representado?
4. Em seguida, novas perguntas: qual parece ser o papel atribuído às mulheres representadas nas fotos em relação aos homens? Quem seriam essas mulheres no que se refere ao seu papel social (ex: donas de casa, empregadas domésticas, esposas ou “filhas” das elites)?
5. Nesse momento, solicita-se que alunos e alunas identifiquem os locais em que cada fotografia foi tirada (comércio, parque, rua, etc.) e proponham relações interpretativas entre os espaços e os papéis exercidos por cada gênero. É possível identificar papéis bem delimitados para mulheres e homens ou parece ser algo fluido?
6. O que significa a rigidez de modelos sociais segundo uma divisão de gêneros? No passado, os modelos eram os mesmos do presente? Aqui alunos e alunas podem começar a se identificar como sujeitos dos processos históricos, sujeitos que percebem que alterações nos papéis sociais acontecem. Nesse sentido, uma explanação sobre as relações

entre o movimento feminista e a aquisição de direitos jurídicos pelas mulheres pode ser introduzida como exemplo³

7. Quantitativamente, como é a representatividade feminina nas imagens apresentadas? O número reduzido de mulheres é indicador de algo? Nesse momento, o objetivo é introduzir a ideia de imagem como representação e não como “realidade”, bem como refletir sobre a intencionalidade e os motivos que deram origem às fotos, pois o número exíguo de mulheres nas fotografias não equivale diretamente ao número de mulheres presentes naquela sociedade. As fotografias da CCNC foram produzidas com o intuito de documentar as obras de construção da nova capital, bem como contrastá-las com a suposta “decadência” do antigo “arraial” que seria destruído para abrigar a capital. A “invisibilidade” das mulheres nas fotografias significa sua ausência naquele espaço? Ou a definição dos espaços a serem fotografados também interfere no que será representado? Nesse momento, o professor ou professora pode fazer comparações com espaços e momentos atuais em que a presença do gênero masculino ou feminino ainda é mais bem demarcada em espaços específicos. Naquele momento, se as fotografias tivessem sido tiradas no interior das casas, em alguns espaços industriais (como de produção têxtil), etc., quais seriam as imagens retratadas? Seriam as mesmas?

8. Daí em diante segue-se um debate livre sobre associações entre os papéis assumidos por homens e mulheres no passado e no presente, bem como sobre a ideia de que imagens são apenas representações do real, e não reproduções do real.

Referências:

BARTOLOMEU, Anna Karina Castanheira. Pioneiros da fotografia em Belo Horizonte: o Gabinete Fotográfico da Comissão Construtora da Nova Capital. (1894-1897). *Varia Historia*, nº30, julho 2003.

BELO HORIZONTE (MG). Prefeitura Municipal. *Dossiê de Tombamento do Acervo da Comissão Construtora da Nova Capital*. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, dez. 2014.

³ Nesse sentido, ver Scott (1992, p.63-95); Louro (2013, p.18-40)

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2011.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CERRI, Luis Fernando. *Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

HAHNER, June E. “Honra e distinção das famílias”. In: PINSKY, Carla B. E PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.
LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla B. E PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

MIGUEL, Raquel de Barros e RIAL, Carmen. Programa de mulher. In: PINSKY, Carla B. E PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

NEPOMUCENO, Bebel. Protagonismo ignorado. In: PINSKY, Carla B. E PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. “O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula”. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 28, dez. 2008.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla B. E PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

VEIGA, Cynthia Greive. A cidade como experiência feminina: o cotidiano na construção de Belo Horizonte em fins do século XIX. *Dimensões*, vol. 23, 2009.